



Palmeirim III-IV (1604)- Prólogo

Fac-símile

[{2r}]

PRLOGO DIRIGIDO AO MVITO
ILLVSTRE SENHOR PERO DACAC, OVA CARN EIRO
Conde da Idanha, do Conselho do estado de sua Magestade; & veedor
de sua fazenda.

HA tanto que se defeja a segūda parte de Palmeirim de Inglaterra por quã
bem a primeira tem parecido aos q̃ a lerão, que ainda que o risco que se
corria nisso era para mi muito grande: assi pela empresa ser em si difficulto
sa como por ficar subjecta a muitos falarē della: quis todavia furtar o corpo ao re
reo, & alimpando como pude a q̃ della tinha composta; parece-me agrauo que aos
curiosos se fazia, não procurar cōmunicarlha. E se alguē por vetura; com que n as
confiança desta sorte estejam em maõ foro, por não ser affeiçãoado ás que são fabulo
sas, folgaria q̃ lhe lebrasse, que o intento de quẽ as faz não he acreditar fabulas q̃
todos tẽ por essas, mas he por meo descobrir os caminhos por onde os merecimẽ
tos costumão alcançar se, antes assi como os espelhos (segūdo Seneca dizia) se não
inuẽtarão para mais q̃ para cada hũ vêdo se nelles aprēder o decoro que lhe conui
nha, assi o fim principal distorias semelhantes, ha por diante de todos lustrosos ex
emplos de Principes e caualleiros, para q̃ nos successos de maos victos enxerguẽ os
de se toque, o perigo de seus victos, e na braueza delles se desafeiçõe: & pelo con
traio nos bõs & he criados aprēdam os q̃ o forẽ os degraos gloriosos por onde se
fobe ao mais perfeito, e reconheçã os pontos onde as obras justas se abalizã. E não
he inconueniente meter algũas vezes amores profanos & encantamentos magicos,
porq̃ se em os arrais dos inimigos se não pode andar semõ disfarçado, mal podera
a virtude q̃ na terra tem tantos; passar segura entrelles, se desta maneira a não em
buçarmos, q̃ esta foi a causa porq̃ os antigos Philosophos, hora em versos numero
sos; hora em prosa, em suas seiçaens nos deixarã escõdidos os precitos e exẽplos
dos bõs costumes, como depois de Homero fez plato nos dialogos, phytagoras
nos Symbolos, & Xenofonte no seu Cyro, & apos elles os outros cujos seritos inda
temos. E inda em nossos tẽpos forã por este caminho aquelles raros spiritos ãos
Tasso & Ariosto aquẽ todos os mais cõ tão estudo imitã. Não pretendo nisto fa
zorecer deshonrãdas q̃ em os liuros de cauallarias se poderão achar antes traba
lhei tudo o q̃ pude por alimpar este meu dellas. Mais razões aueria para mostrar
esta verdade, mas a q̃ a mi me basta he saber q̃ vossa illustrissima Señoria estã nisto
da minha parte, & como quẽ nelle para tudo tem tão grande amparo pouco animo
sera temer as lingos dos maldizẽtes, q̃ se a sombra dos freixos (como os naturas
ese euem) defende das serpẽtes quem se acolhe a ella, se alguē for tão oufado que
cuida cõ a sua prejudicarme; assaz de sombras tenho nas grades partes de vossa Se
nhoria, para debaixo dellas viuer sempre seguro. E conforme a isto: não deue de
parecer sobejo atreuimento querer ofrecerlhe esta pequena mostra de meus dese
jos, que como tem as raizes na minha pouca possibilidade não podem
mais brotar que estes seruiços tão pequenos.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Edição paleográfica

[[2r]: prólogo] PRLOGO (*sic*) DIRIGIDO AO MVITO | ILLVSTRE SENHOR PERO DACAC,OVA CARNEIRO | Conde da Idanha, do Confelho do estado de fua Mageftade; & veedor | de fua fazenda. | [*letra inicial sem decorar ocupando três linhas*] [H]A tanto que fe defeja a segũada parte de Palmeirim de Inglaterra por quan | bem a primeira tem parecido aos *que* a lerão, que ainda *que* o risco que fe | corria niffo era para mi muito grande: afsi pela empresa fer em si dificulto | fa como por ficar subjecta a muitos falarem della: quis todauia furtar o corpo ao re | ceo, & alimpando como pude a *que* della tinha compofita; pareceome agrauo que aos | coriofos fe fazia, não procurar *communicarlha*. E fe alguem por vettura [*sic*]; com quem as | cousaa [*sic*] desta forte estejam em maõ foro, por não fer affeeiçoado às que faõ fabulo- | las, folgaria *que* lhe lebrafse [*sic*], que o intento de quem as faz não he acreditar fabulas *que* todos tem por essas, mas he por meo defcobrir os caminhos por onde os merecimen | os custumão alcançarfe: antes afsi como os efpehos (segundo Seneca dizia) fe não | inuentaraõ para mais *que* para cada hum vendofe nelles aprender o decoro que lhe conui | nha, afsi o fim principal diftorias semelhantes, he pôr diante de todos luftrosos ex | emplos de Principes & caualleiros, para *que* nos fuccellos de maos vicios enxerguem os | deffe toque, o perigo de feus vicios, & na braueza delles fe defafeçoem: & pelo con | trairo | nos bons & bem criados aprendam os *que* o forem os degraos gloriofos por onde fe | fobe ao mais perfeito, e reconheça os poftos onde as obras iuftas fe abalizam. E não | he inconueniente meter algũas vezes amores profanos & encantamentos magicos, | porque fe em os | arrayis dos imigos fe não pode andar fe não disfarcado, mal podera | a virtude *que* na terra tem tantos: paffar segura entrelles, fe desta maneira a não em | buçarmos, *que* esta foy a cauza porque os antigos Philofophos, hora em verfos numero | fos; hora em profa, em fuas feiçaens nos deixaram escondidos os preceitos & exemplos | dos bons coftumes, como depois de Homero fez platao nos dialogos, phytagoras | nos Synbolos, & Xenofonte no feu Cyro, & apos elles os outros fcutos inda | temos. E ainda em noffos tempos foram por efte caminho aquelles raros fpiritos ambos | os Taffos & Ariofto aquem todos os mais com tanto estudo imitam. Não pretendo nifto fa | uorecer deshonestidades *que* em os liuros de cauallarias fe poderão achar antes traba | lhei tudo o *que* pude por alimpar efte meu dellas. Mais razões aueria para mostrar | esta verdade, mas a *que* a mi me bafta he faber *que* voffa illuftrifsimã Señoria eftã nifto | da minha parte, & como quem nelle para tudo tem tão grande amparo pouco animo | fera temer as língoas dos maldizentes, *que* fe a fombra dos freixos (como os naturaes | efcreuem) defende das serpentes quem fe acolhe a ella, fe alguem for tão oufado que | cuide com a fua prejudicarme; affaz de fombbras tenho nas gran des partes de voffa Se | nhoria, para debaixo dellas viuer fempre feuro. E conforme a ifto: não deue de | parecer fobejo atreuimento querer ofrecerlhe esta pequena mostra de meus defe | jos, que como tem as raizes na minha pouca pofsibilidade não podem | mais brotar que efte feruiços tão pequenos.

Edição crítica

[[2r]] Prólogo dirigido ao muito ilustre senhor Pero d'Açaçova Carneiro, Conde da Idanha, do Conselho do Estado de Sua Magestade e Vedor de sua fazenda.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Há tanto que se deseja a Segunda Parte de *Palmeirim de Inglaterra* por quão bem a primeira tem parecido aos que a leram, que ainda que o risco que se corria nisso era para mim muito grande, assi pela empresa ser em si dificultosa como por ficar subjecta a muitos falarem dela, quis todavia furtar o corpo ao receo, e alimpando como pude a que dela tinha composta, pareceo-me agravo que aos curiosos se fazia não procurar comunicar-lha. E se alguém houver, porventura, com quem as cousas desta sorte estejam em maõ foro, por não ser afeiçoado às que são fabulosas, folgaria que lhe lembrasse que o intento de quem as faz não é acreditar fábulas, que todos tem por essas, mas é por meo [delas] descobrir os caminhos por onde os merecimentos costumam alcançar-se, antes assi como os espelhos, segundo Séneca dizia, se não inventaram para mais que para cada um, vendo-se neles, aprender o decoro que lhe convinha, assi o fim principal de histórias semelhantes, é pôr diante de todos lustrosos exemplos de príncipes e cavaleiros para que nos sucessos de maõs vícios enxerguem os desse toque, o perigo de seus vícios e na braveza deles se desafeçoem, e pelo contrario, nos bons e bem criados aprendam os que o forem os degrãos gloriosos por onde se sobe ao mais perfeito e reconheçam os postos onde as obras jutas se abalizam.

E não é inconveniente meter algũas vezes amores profanos e encantamentos mágicos, porque se em os arraiais dos imigos se não pode andar senão disfraçado, mal poderá a virtude, que na terra tem tantos, passar segura entr'eles, se desta maneira a não embuçarmos, que esta foi a causa porque os antigos filósofos, ora em versos numerosos, ora em prosa, em suas ficções nos deixaram escondidos os preceitos e exemplos dos bons costumes, como depois de Homero fez Platão nos *Diálogos*, Pitágoras nos *Símbolos*, e Xenofonte no seu *Ciro*, e após eles os outros, cujos escritos inda temos. E ainda em nossos tempos foram por este caminho aqueles raros espíritos ambos os Tassos e Ariosto, a quem todos os mais com tanto estudo imitam.

Não pretendo nisto favorecer deshonestidades que em os livros de cavalarias se poderão achar, antes trabalhei tudo o que pude por alimpar este meu delas. Mais razões haveria para mostrar esta verdade, mas a que a mim me basta é saber que Vossa Ilustríssima Senhoria está nisto da minha banda e como quem nele para tudo tem tão grande emparo, pouco ânimo será temer as línguas dos maldizentes, que se a sombra dos freixos, como os naturais escrevem, defende das serpentes quem se acolhe a ela, se alguém for tão ousado que cuide com a sua prejudicar-me, assaz de sombras tenho nas grandes partes de Vossa Senhoria, para debaixo delas viver sempre seguro. E conforme a isto, não deve de parecer sobejo atrevimento querer oferecer-lhe esta pequena mostra de meus desejos, que como tem as raízes na minha pouca possibilidade, não podem mais brotar que estes serviços tão pequenos.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Paratextos do *Palmeirim de Inglaterra III-IV (1604)*: prólogo”, em *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.